

# Clóvis Moura, contribuições para as lutas do povo negro

Os leitores e as leitoras da revista *Lutas Sociais* tem em mãos a possibilidade de conhecer um dos maiores intelectuais brasileiros do século XX: Clóvis Moura. No último dia 23 de dezembro de 2023 completaram-se 20 anos de sua morte e muitas homenagens lhes foram prestadas.

Se, durante a maior parte de sua existência seus trabalhos foram ignorados por parte significativa da *intelligentsia* brasileira, nos últimos anos tem crescido o interesse por sua trajetória e por suas pesquisas. Certamente precisaremos de muitas argutas pesquisas para compreender este fenômeno, mas podemos arriscar que a chegada massiva de estudantes negros às universidades talvez tenha contribuído para esta mudança. Afinal, apesar de ignorado nos meios acadêmicos, Moura jamais foi esquecido pelos movimentos sociais, em especial o movimento negro. Vieram de Clóvis Moura as análises mais contundentes a respeito do mito da democracia racial, que o movimento tantas vezes denunciou. E, quando seus livros não eram reeditados, vinham dos movimentos as reproduções de seus textos ou o acesso a seu pensamento por meio de vários cursos de formação.

O autor recorria ao materialismo histórico para analisar a formação social brasileira e, diferentemente das leituras que apresentavam os trabalhadores escravizados com passivos diante do sistema de exploração e dominação escravista, abordava a história pelo prisma da resistência negra, alçando o sujeito escravizado a sujeito político. O rendeu ao nosso autor título de *intelectual da práxis negra*.

Este número de *Lutas Sociais* faz referência às contribuições de Clóvis Moura para o estudo das lutas contra o sistema de exploração, do escravismo aos dias atuais. Com o título “Clóvis Moura e a práxis negra”, o dossiê deste número tem oito artigos, duas resenhas e uma introdução. Sob a criteriosa organização de Maria Helena Elpidio, Márcio Farias e Weber Lopes, é uma continuidade do apresentado no volume anterior, que reuniu textos em torno da produção teórica do autor sobre o pensamento social brasileiro.

Na seção de artigos, encontram-se três trabalhos de fôlego que dialogam diretamente com o dossiê. A começar pela tradução do provocativo texto de Ramón Grosfoguel, “Marxistas negros ou marxismos negros? Uma visão decolonial”. Na América Latina há, segundo o autor, uma invisibilidade da tradição do pensamento crítico, o que, por sua vez, é produto do racismo epistêmico, ampliado pelo boicote das indústrias editoriais à autoria negra. E, para nos limitarmos ao caso brasileiro, como explicar, por exemplo, que obras como *Black Marxism: The Making of the black*

*radical tradition*, de Cedric J. Robinson, publicada em 1983, só tenha recebido uma tradução no país agora, em 2023? Ou o livro *Women, Race and Class*, de Angela Davis, publicado em 1981, tenha edição brasileira apenas em 2016? O mesmo vale para a produção de intelectuais negros e negras do Brasil. Clóvis Moura, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento são apenas alguns dos nomes que só muito recentemente tiveram novas versões de suas obras.

O segundo artigo problematiza assunto semelhante ao abordar a trajetória da escritora Conceição Evaristo. As jovens pesquisadoras Diana Teixeira, Tamires Nascimento e Thaisa Martins, em “Mulheres negras e *escrivência* em Conceição Evaristo”, observam que, diferentemente da maioria das intelectuais brancas, mas de forma semelhante à grande parte das escritoras negras, a trajetória de Conceição não passou pela academia e demorou muito para que seu trabalho literário fosse reconhecido nacional e internacionalmente. Só às vésperas de completar 70 anos de idade, veio o Prêmio Jabuti, com a obra *Olhos d'Água*. Autora de inúmeros romances e contos, Evaristo disputou uma vaga para a Academia Brasileira de Letras e, mesmo com ampla campanha popular, não conseguiu a cadeira de imortal. Para a escritora, a autoria negra “carrega a nossa subjetividade na própria narrativa. A temática negra, principalmente quando trabalha com identidade negra, não é muito bem aceita”.

Por fim, Luciene França e Silvana Veríssimo apresentam a história de luta e sobrevivência da escritora Esmeralda Ribeiro, que fez de seus poemas sua principal ferramenta para falar do racismo na sociedade brasileira e para a tomada de consciência sobre o que é ser negro no país. Esmeralda Ribeiro é ativista, escritora e coordenadora dos *Cadernos Negros*, continuidade da *Geração Quilombo*, que reuniu nos anos 1980 grandes referências da cultura negra, como Oswaldo de Camargo, Paulo Colina e Abelardo Rodrigues. Segundo as autoras, *Cadernos Negros* é a arte engajada, cuja divulgação era feita com panfletagens nos bailes funks e com informações nos muros das regiões periféricas de São Paulo, onde habita a maioria da população preta. Expoente desse movimento, Esmeralda Ribeiro também é parte de uma geração de mulheres pretas escritoras que não medem esforços para romper as barreiras da invisibilidade.

Eis, portanto, mais um importante e belo trabalho coletivo de *Lutas Sociais*. As críticas são sempre bem-vindas.

Renata Gonçalves e Lúcio Flávio de Almeida (Editor)